



FRONT-END

MADE IN BRASIL

Há dois anos as empresas brasileiras não demonstravam muito interesse por esse profissional, enquanto já existia uma forte demanda no exterior. Isso mudou?

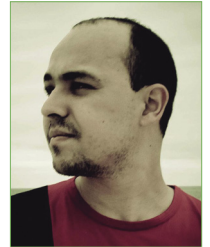


“Na Globo.com, por exemplo, Python é um grande diferencial, assim como PHP é para o Yahoo e Facebook, e Ruby para o Twitter”

Davidson Fellipe

@davidsonfellipe

Desenvolvedor Front-end na Globo.com. Graduado em Engenharia da Computação pela UPE e Técnico em Eletrônica pelo IFPE. Fundador e moderador dos grupos riojs e pernambucojs.



Há um tempo estavam de um lado profissionais de front-end que se limitavam a escrever HTML e CSS, e do outro lado, gestores de projetos que desconheciam ou davam pouca importância ao profissional de front-end em sua equipe. Mas, nos últimos dois anos, essa profissão se desenvolveu bastante no Brasil, e o grau de exigência para esse profissional também.

Para se candidatar a vagas em grandes empresas, é fundamental conhecimento em engenharia de software, empregada ao desenvolvimento front-end. Isso inclui ter boa noção de organização de código-fonte, modelagem, testes automatizados, refatoração, versionamento e garantia de qualidade. Além disso, é importante ter conhecimento de outras áreas, tais como: interação humano-computador, performance client-side, segurança e acessibilidade.

Quem busca se destacar nessa profissão, tem que ter um ótimo nível de conhecimento em JavaScript, pois ele é cada vez mais importante, além de ser item obrigatório na maioria das seleções a vagas, tanto no Brasil, quanto no exterior. Essa linguagem foi umas das que mais cresceram nos últimos anos, motivado pela necessidade de desenvolvimento de produtos mais complexos e de interação com as novas APIs do HTML5. Além disso, procure estudar ao menos uma linguagem server-side, pois é um diferencial em muitas empresas. Na Globo.com, por exemplo, Python é um grande diferencial, assim como PHP é para o Yahoo e Facebook, e Ruby para o Twitter.

Tenha sempre em mente que você terá que dominar algumas peculiaridades que o desenvolvedor server-side, em geral, não domina, tais como: performance no Javascript ou no CESS, APIs do browser, problemas cross-browser, layouts responsivos e redução da quantidade de HTML.

Felizmente, o mercado brasileiro está olhando para os desenvolvedores front-end de uma forma melhor, e diversas organizações já os remuneraram com a mesma faixa salarial dos desenvolvedores back-end. Mas a média da remuneração ainda é abaixo do exterior. Lá esse perfil também é muito valorizado e demandado. Vale salientar que muitos não migram apenas pelo fator remuneração, mas também pela busca de melhores condições de vida. E isso não é raro, visto que infelizmente continuamos perdendo grandes profissionais para o exterior.

Érick de Albuquerque

Idealizador da Primeira Pós-Graduação em Front-End Engineering do Brasil e Diretor Executivo da A&C Holding Group, CEO na CakeRoll Tecnologia e Coordenador do FECC Brazil.

www.ericdealbuquerque.com



As empresas brasileiras demonstraram não somente um interesse maior pelos profissionais de “front-end” como também conseguem definir melhor o papel desses profissionais no processo produtivo de seus projetos. Embora o mercado ainda tente encontrar uma definição para classificar esses profissionais, a necessidade é crescente e requer atenção, principalmente acerca do reconhecimento e valorização dos “front-ends”.

Observei centenas de profissionais “front-end” ao longo de quatro anos trabalhando com formação nessa área e, considerando as mudanças ocorridas no processo de desenvolvimento para internet nesse período, posso sugerir que muitos conceitos foram sendo aplicados em Html, Css e Javascript. Esses mesmos mecanismos, que antes eram usados apenas em “back-end”, tem se intensificado bastante ultimamente e eu apostaria que a tendência futura é a manutenção dessa intensidade.

Na medida em que a forma de desenvolver foi mudando, os profissionais buscaram mais qualificação e especializações que agregaram valor aos produtos desenvolvidos, no entanto, as empresas não acompanharam esse processo na mesma velocidade e se depararam com a necessidade de ter um front-end muito mais robusto do que estavam acostumadas. Ora, muitos de vocês sabem que um profissional front antes necessitava saber apenas Html e Css, e foi com esse profissional que as empresas, principalmente as menores, desenvolveram projetos importantes de seus portfólios, mas atualmente percebem que precisam de muito mais do que isso.

Diria que para ter mais valor aos olhos dos executivos, contratantes na área, o “Front-end” precisa ir além do Html e Css, ele precisa dominar muito bem o Javascript, entender sobre outros aspectos como acessibilidade, usabilidade e padrões, conhecer um pouco da linguagem utilizada pelo back-end de

sua equipe, ter o mínimo de conhecimento sobre Http Response, utilizar bem os consoles de depuração dos browsers, entre outras especificações do tipo. As aplicações para internet ficaram muito mais avançadas e possuem mais complexidade, muitos recursos são utilizados para criar interfaces mais interativas e ricas visando projetos mais leves e rápidos, e isso requer profissionais mais completos. No Brasil existem inúmeros profissionais passando por uma verdadeira transição, buscando atingir altos níveis de produtividade, ou seja, eles procuram ir além do código fonte de suas aplicações, contribuindo em todas as fases do projeto, promovendo integração de toda equipe e conhecendo bem o cliente final. Acredito que características assim aumentam bastante o interesse das empresas por “front-ends” que chamo de mais habilidosos e completos. Vale a reflexão sobre o assunto!

“Diria que para ter mais valor aos olhos dos executivos, contratantes na área, o ‘Front-end’ precisa ir além do Html e Css, ele precisa dominar muito bem o Javascript e entender sobre outros aspectos como acessibilidade, usabilidade e padrões”

Felipe Silva

@felipe_silva

Senior Javascript Engineer The New York Times



Dois anos no calendário “tech” é muita coisa. O mercado mudou muito de lá para cá. As empresas nacionais já reconhecem o quão importante é ter um profissional com amplo domínio nas especialidades de front-end. E hoje, enfrentam outro problema: como contratar desenvolvedores com este perfil?

Para felicidade da nação, a comunidade de desenvolvedores front-end tem se organizado e feito um excelente trabalho. O número de meetups de Javascript/HTML5 é crescente. Eventos abordando o tema ocorrem em diversos estados e atraem profissionais e palestrantes de todos os cantos. Ambos contam com o apoio de grandes empresas de tecnologia. E, sem dúvida, tem sido um excelente canal para profissionais e empresas se conhecerem melhor.

Engenheiros de fato. Além de responsabilidades já conhecidas (performance, SEO, compatibilidade “cross-browser” e “cross-plataform”), parte ou todas as regras de negócio de uma aplicação podem ser implementadas no front-end, o que exige sólidos conhecimentos em engenharia de software. Um bom desenvolvedor front-end além de manter sua excelência nos quesitos que envolvem sua especialidade, deve ser capaz de criar uma aplicação do zero. Estar confortável ao se enveredar por outras especialidades, tais como infraestrutura, banco de dados e back-end.

A procura por esse profissional aumentou. Os novos navegadores estão mais poderosos, viabilizando criar interfaces ainda mais complexas. **Outros dispositivos como celulares, videogames e TVs já contam com plataformas**

que permitem desenvolver aplicações usando apenas HTML5 e Javascript. E os salários também estão mais atrativos.

Javascript é hoje a “menina dos olhos dos desenvolvedores, não é à toa que se tornou a linguagem mais popular no Github. Como estou nos Estados Unidos, visualizo que as empresas daqui já contratam desenvolvedores com outro rótulo: Javascript Engineer. Isso porque com o advento do Node.JS é possível usar a linguagem também no back-end.

Especialistas ou não na área devem estar antenados, e ter HTML5 e Javascript como melhores amigos. Não sei onde estaremos daqui a dois anos, mas estou certo que vamos continuar precisando deles.

Bruno Dulcetti

Gerente de Projetos na Videologtv

Graduado em Gestão e Criação de Ambientes Internet na Unesa e Pós-Graduado em Interface, Internet e Multimídia pela UFF



Sim, mudou e muito. Mas não diria que por motivos das empresas terem ou não interesse por esse profissional, pois há dois anos eu acredito que esse profissional tinha muito mais valor do que há cinco anos. Mas ainda assim a caminhada é longa e lenta para a valorização do profissional Client.

E você deve perguntar: mas então o que levou as empresas a terem interesse nesses profissionais? Eu apostaria na tecnologia. **A demanda por aplicativos completamente interativos, adaptáveis e acessíveis fez com que esse profissional ficasse valorizado.** Hoje temos o acesso mobile que

crece absurdamente junto com a venda dos próprios celulares e tablets da vida. E tende a crescer ainda mais, pois ainda existe uma grande parte da população que ainda não se conecta por meio mobile. Mas um fator que abriu os olhos das empresas foi o surgimento e revolução do HTML 5. O profissional que trabalha com client e não tem, pelo menos, noções de HTML 5, está perdendo oportunidades no mercado. Hoje podemos fazer coisas que eram amplamente complexas com client ligado a uma linguagem de programação. E hoje podemos ter aplicações offline, comunicação em tempo real, acesso ao computador, trabalhar com áudio e vídeo sem flash, entre outras maravilhas que

antigamente não desfrutávamos.

As aplicações evoluíram, o front-end evoluiu junto. E como as empresas precisam evoluir também, elas necessitam de profissionais que dominem as “novas tecnologias”. Flash teve sua época, hoje perde cada vez mais força com a ajuda da Apple, que bloqueou o uso em seus aparelhos mobile. Se antes aplicações mais rápidas, mais dinâmicas, funcionando em qualquer lugar e em qualquer hora, sem precisar desenvolver diversos modelos de aplicações para funcionar em diversos dispositivos era a grande estratégia, hoje não precisamos mais disso com o HTML 5 ganhando força.